



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

TATIANY ARAÚJO PINHEIRO

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIOECONOMICAS EM UMA FAVELA DE MACAPÁ-
AP: OS MORADORES DA 2ª AVENIDA DO BAIRRO UNIVERSIDADE.**

MACAPÁ-AP

2013

TATIANY ARAÚJO PINHEIRO

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIOECONOMICAS EM UMA FAVELA DE MACAPÁ-
AP: OS MORADORES DA 2ª AVENIDA DO BAIRRO UNIVERSIDADE.**

Trabalho de Graduação apresentado ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá, como Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Profº. MSC. Luciano Magnus de Araújo

**MACAPÁ-AP
2013**

TATIANY ARAÚJO PINHEIRO

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIOECONOMICAS EM UMA FAVELA DE MACAPÁ-
AP: OS MORADORES DA 2ª AVENIDA DO BAIRRO UNIVERSIDADE.**

Trabalho de Graduação apresentado ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. Luciano Magnus de Araújo (Orientador)

Prof. Dr. Manoel de Jesus Souza Pinto

Prof. Esp. Raimundo de Lima Brito

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio e compreensão em especial a meu esposo José Maria pela força e dedicação, nos momentos difíceis da carreira acadêmica e as minhas filhas Tainá e Jeysa pelo amor dedicado a mim durante todo o período que estive de certa forma ausente e aos amigos que tanto me apoiaram. Sou grata ao meu orientador, professor Luciano Magnus de Araújo pela parceria na confecção deste trabalho. E sou ainda mais grata a Deus por me proporcionar vitórias como esta, e por ele ter me proporcionado o convívio ainda que curto com minha mãe Maria de Lourdes do Nascimento Araújo, meu exemplo de vida.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIOECONOMICAS EM UMA FAVELA DE MACAPÁ-AP: OS MORADORES DA 2ª AVENIDA DO BAIRRO UNIVERSIDADE¹

Tatiany Araújo Pinheiro²

Resumo: O artigo em questão tem como ponto crucial levantar as dificuldades de se viver em uma área de invasão, sem infraestrutura adequada para as moradias e seus respectivos moradores. Além disto, explorar-se-á os problemas enfrentados por esta parcela da população em conseguir a casa própria “dentro da lei”. Para se chegar aos resultados obtidos recorreu-se aos métodos quantitativos e qualitativos através de entrevistas baseadas em questionários mistos, e pesquisa de campo demonstrando alguns aspectos do cotidiano dos moradores, observando suas dificuldades de mobilidade ou não, relatando o dia-a-dia de uma parcela das pessoas que residem na área de invasão da 2ª Avenida Universidade do bairro Universidade, localizado entre as ruas Vicente Raimundo Alves e Inspetor Miguel Amorim na cidade de Macapá, estado do Amapá. Além do fator social na medida do possível colocar-se-á em evidencia o fator econômico.

Palavras-chave: Moradia, realidades sociais, infraestrutura.

I- INTRODUÇÃO

O direito à moradia é um direito assegurado em lei³ a todo cidadão brasileiro, contudo na maioria dos casos a lei só funciona no papel, os parágrafos que se referem aos direitos humanos são capazes de comover quem os ler, pois reportam o ser humano a um nível tão estável e confortante que se funcionassem realmente como estão escritas não existiria desigualdade social, racial ou econômica não precisaríamos nos preocupar com problemas tão desnecessários como ter que invadir um pedaço de terra que “supostamente” já possui um dono, mas que, no entanto permanece abandonado por anos, e os tais proprietários surgem do nada para reclamar o que lhes pertence, não se teria que lutar por dignidade, por direitos iguais, pois perante a lei somos todos iguais. Segundo Nabil Bonduki (2008, p.71) “num país com os recursos de que dispõe o Brasil não se pode admitir que milhões de famílias morem em condições precárias de habitação e infraestrutura, como em favelas e cortiços.” Bonduki salienta ainda que: (idem, p.88)

O crescimento de favelas é um dos grandes indicadores da gravidade da situação urbana no Brasil. Enquanto a população brasileira cresceu, na última década, a 1,98% ao ano, a população moradora de favelas cresceu a mais de 7%, segundo os dados do Censo, que exclui as favelas com menos de 50 barracos, o que deixa de fora um grande número de assentamentos.

¹ Artigo apresentado à disciplina TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), orientado pelo prof. Msc. Luciano Magnus de Araújo. E-mail: lucaraújo3@gmail.com

² Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá. E-mail: taty.ap25@gmail.com

³ Constituição da República Federativa do Brasil, Título I. Dos princípios fundamentais, ART.5º.

Estes dados se refletem no estado do Amapá, e o local estudado se encaixa perfeitamente neste quadro.

Diante de tais afirmações podemos tomar como ponto de partida o bem estar social desses indivíduos que veem no ato de invadir seu único modo de garantir um futuro menos incerto, alheios às políticas públicas, as inseguranças das grandes cidades e para representar este fator em desenvolvimento acelerado, tem-se a ocupação do espaço de forma desordenada em nossa cidade, onde segundo Bresciane (2004, p.10 apud ARGAN 1993a, p.212):

A cidade que, no passado, era o lugar fechado e seguro por antonomásia, o seio materno, torna-se o lugar da insegurança, da inevitável luta pela sobrevivência, do medo, da angústia, do desespero. Se a cidade não se tivesse tornado a megalópole industrial, as filosofias da angústia existencial e da alienação teriam bem pouco sentido e não seriam – como, no entanto são – a interpretação de uma condição objetiva da existência humana.

O ser humano é por natureza um ser complexo, portanto, seria razoável dizer que esta complexidade está implícita nas condições de vida deste indivíduo, ser morador de uma favela ou de uma área de invasão (como naturalmente se denominam os moradores da 2ª Avenida Universidade) pode ser uma escolha ou não. Muitos dos moradores escolheram está ali através da compra do espaço pela necessidade de não pagar aluguel, por exemplo, e outros não tiveram outra escolha a não ser ocupar de forma indevida e irregular um espaço privado, no entanto sem uso, era uma oportunidade de ter um lugar para se chamar de lar, ambos levantando a bandeira de direito à moradia, unidos por um mesmo objetivo. A análise do cotidiano aponta-nos para o fato de que o social não é redutível ao econômico (caracterizado por relações de produção e de propriedade), mas refere-se às relações entre os indivíduos e o grupo e destes com a sociedade (CARLOS, 2007, p. 54).

A palavra favela talvez choque pelo motivo de ser relacionada na maioria das vezes a algo ruim, sem valor, mas que esconde muitas realidades, um mundo de oportunidades e como afirma Hall (2006, p.41) “as palavras são ´multimoduladas`. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar, o significado... Tudo que dizemos tem um ‘antes’ e um ‘depois’ -uma margem na qual outras pessoas podem escrever”. No decorrer do trabalho estas questões serão mais bem trabalhadas, deixando em aberto o termo favela, e utilizando-se da fala de Hall tudo o que dizemos tem um antes e um depois, e onde se ler invasão leia-se Favela ou vice-versa.

II A rotina dos moradores

As favelas são vistas como verdadeiros redutos, formados por labirintos humanos e carcaças de uma infraestrutura urbana, que pode e deve sofrer modificações no seu interior, levando-se em conta o bem estar social de uma população quase que esquecida não só pelo poder público, mas por seus próprios moradores. Retomasse aqui um trecho da Constituição brasileira mais precisamente no artigo 182 que diz: “A política de desenvolvimento urbano..., tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes”. Sabemos das tentativas de se seguir um plano diretor em todos os municípios brasileiros, no entanto é quase que impossível alcançar as demandas populacionais advindas do campo ou de outras cidades e até mesmo de outros Estados, como indica Nunes (2006, p.40) “trata-se de populações cuja maioria não dispõe de alternativas legais para aceder a um abrigo ou a uma habitação”, para haver crescimento e desenvolvimento é necessário antes de tudo planejamento, algo em que nossos gestores estão deixando a desejar.

As favelas se compõem por diversidades e equidades:



Fonte: <http://www.brasilecola.com/brasil/favela.htm>



Fonte: arquivo pessoal



Fonte: <http://www.luizprado.com.br/2010/08/>

Ao depararmos com algo bem perto da nossa realidade, podemos ter reações advindas de pré-conceitos sim, um exemplo é a especulação do lugar invadido, quem invadiu⁴ a área da 2ª avenida universidade, vendeu por preços irrisórios e o terreno/barraco que valia R\$ 500,00 (quinhentos reais) ou R\$ 1.000,00 (mil reais), atualmente não saem por menos de R\$20.000(vinte mil reais) ou mais. Quem nunca precisou invadir um terreno, talvez esteja se perguntando por que comprar um terreno que a qualquer momento pode-lhe ser “tomado”. Segundo Carlos, esta situação ocorre por que:

...valor de uso e valor de troca sinaliza a extensão do processo de desenvolvimento do mundo da mercadoria que embasa o processo de produção do espaço urbano, transformando-o em mercadoria valorizada pelo processo de urbanização da sociedade, e, com ele, eliminando referenciais, volatilizando relações sociais e gerando individualismo... A cidade está alienada como o próprio homem e o espectro de cidade sobrevive ao que antes era a urbanidade. A função da habitação modifica-se profundamente: de ato social gerador de poesia, resume-se a mercadoria e nesta dimensão, torna-se coisa funcional, objeto de status. (CARLOS, 2007, p.50)

O que no início era uma multidão lutando por um futuro incerto, querendo um pedaço de chão, hoje se tornou um aglomerado de indivíduos com pensamentos e sentimentos voltados para si, a minha casa, o meu terreno são palavras comuns e que de certa forma significam poder, status, e porque não dignidade, “dada a dificuldade de acesso a moeda, as áreas populares aparecem e, mais que isso se transformam em cidades” (NUNES, 2006, p.42). A moradia ganha valor econômico e sentimental. A casa própria significa estabilidade para a família brasileira, sair do aluguel é um sonho que custa caro, as pessoas que residem nas áreas de favelas sabem bem o que isto significa, afinal são pessoas que sobrevivem na maioria das vezes com um salário mínimo.

Duas realidades distintas, um sonho em comum: a casa própria.



Fonte: Arquivo Pessoal

⁴ Dos moradores atuais apenas dois residem no mesmo local, desde o início da ocupação.

As imagens acima fazem menção aos bairros de Macapá, e, porque não, a todo o território brasileiro onde quem tem mais pode mais, a casa da esquerda pertence a um moto-taxista e a da direita pertence a um dono de comércio na região de garimpo de Oiapoque⁵, o ponto comercial é alugado junto com a residência, o ponto comercial tem como endereço a Rua Vicente Raimundo Alves que é asfaltada, tem o fornecimento de energia regularizado pela CEA, dispõe de alvará de funcionamento, porém o abastecimento de água é através de poço artesiano como as demais casas do perímetro estudado e está à venda, atualmente estão pedindo R\$80.000,00(oitenta mil reais). Como se pôde ver a casa própria passa a ser um produto de compra e venda para a maioria dos antigos moradores, mas os moradores atuais, também compartilham da mesma linha de pensamento, as modificações feitas no espaço habitado são vista como uma “poupança” investe-se hoje com o objetivo de lucros futuros. A área em questão é valorizada porque fica perto do terminal de ônibus (conhecido como terminal da gruta), tem três escolas próximas. Funciona na Igreja Santa Clara o Projeto Saúde da Família-PSF (as consultas são marcadas toda sexta-feira, e ocorrem de segunda a quarta das 14 às 17 horas), foram construídas no bairro ainda duas arenas poliesportivas (que de poli- no sentido macro da palavra- não tem nada, é uma praça com um campo repleto de areia).

A esperança dos moradores de permanecerem no local é reforçada nos períodos eleitorais quando aparece um político prometendo a legalização dos terrenos e a permanência dos moradores no local, até hoje a permanência dos mesmos nunca foi ameaçada. Para salientar um pouco mais essa importância da estrutura no fator moradia reforça Scussel e Satller (2004, p.90):

Com efeito, a importância assumida pelas condições de moradia na qualidade de vida de um indivíduo, família ou de toda uma comunidade é mais que evidente. Há, contudo, que ser reforçada a ideia de que se incluem, nessa concepção, não apenas as condições de domicílio propriamente dito (material construtivo, dimensões, instalações sanitárias), mas a acessibilidade aos equipamentos de consumo coletivo (de educação, saúde, recreação) e demais serviços urbanos, que qualificam o espaço do cotidiano de seus moradores.

É diante de um fator de risco que se apresenta o objeto de estudo em questão: os moradores da 2ª avenida universidade. As crianças são as mais prejudicadas, nos dias de chuva elas precisam passar por dentro da lama, para ter acesso ao comércio ou à escola, podemos dizer que nestes dias a rua desaparece, pois se forma um aguaceiro de um lado a outro da rua que obriga a maioria dos moradores a se submeterem a situações de riscos, já que as águas são repletas de doenças, como a leptospirose. Não é somente a rua que representa os

⁵ Município do Estado do Amapá que faz fronteira com a Guiana Francesa.

riscos a população, a falta de infraestrutura é geral, na maioria das casas não possui água encanada, rede de esgoto, energia elétrica regularizada - o que se tem é a presença dos famosos “gatos, gambiarras”⁶.

Mas do que qualidade de vida, a organização e solução destes problemas podem significar dignidade a uma minoria (moradores da 2ª avenida) que no final representa uma maioria (os moradores do bairro Universidade), pois: “A ‘qualidade de vida’ de um indivíduo ou de uma comunidade é fortemente determinada pelas suas condições de habitação”. (SCUSSEL e SATTLER. idem, p.85).

Pode-se dizer que na citação acima há uma dicotomia com o objeto aqui estudado, pois são realidades variadas, principalmente com relação ao fator socioeconômico de cada morador. Pois em toda a extensão estudada existem residências de madeira com dois cômodos, por exemplo, onde habitam seis pessoas, e outras residências de alvenaria com cinco cômodos onde residem três pessoas, há ainda na área de invasão duas kitchenettes sendo que uma é voltada ao atendimento de pessoas solteiras e a outra fica na área situada na 1ª avenida universidade, voltada a atender famílias (ambas de donos diferentes).

As imagens abaixo revelam uma realidade vivida por essas famílias durante as épocas de chuva. A prefeitura fez no ano de 2012 um trabalho de escoamento de água apenas na rua principal (Rua Vicente Raimundo Alves), o que não veio a solucionar os problemas de alagamento na 2ª Avenida Universidade.

Situação em que a rua fica após a chuva.



Fonte: Arquivo pessoal

⁶ Utilização da energia elétrica conseguida através de ligações clandestinas da rede elétrica.

Depois que a água da chuva baixa, esta é a área que sobra para as crianças.



Fonte: Arquivo pessoal

Tratando-se de dignidade, há alguns anos, foi fundada (funciona) no bairro Universidade algumas ações de filantropia, um exemplo é o trabalho realizado na igreja denominada Igreja Santa Clara em que funciona o Projeto de Habilidades de Estudo (PHE⁷), em parceria com as empresas: Monte Casa e Construção, Tropical Center e Igreja Santa Clara e SESC Amapá, responsável por atender as crianças do bairro em situação de risco entre 6 e 12 anos de idade que estejam frequentando a escola do 1ºano à 4ª série as crianças gastam cerca de 5min.(cinco minutos) para se deslocarem de suas casas até o projeto que funciona no contra turno escolar das crianças da comunidade, outro projeto lançado para benefício dos moradores é a escolinha de futebol da Polícia Civil, para as crianças das escolas estaduais do bairro que atendem jovens de 09(nove) à 17(dezessete) anos em situação de risco/vulnerabilidade social. São projetos simples, mas de muita importância e que não tem incentivos por parte de alguns pais que não colocam seus filhos em tais projetos por achar que se trata de “perda de tempo”, pois “essas coisas de graça não valem a pena”⁸, os professores estão sempre convidando os moradores, da comunidade a participarem dos projetos.

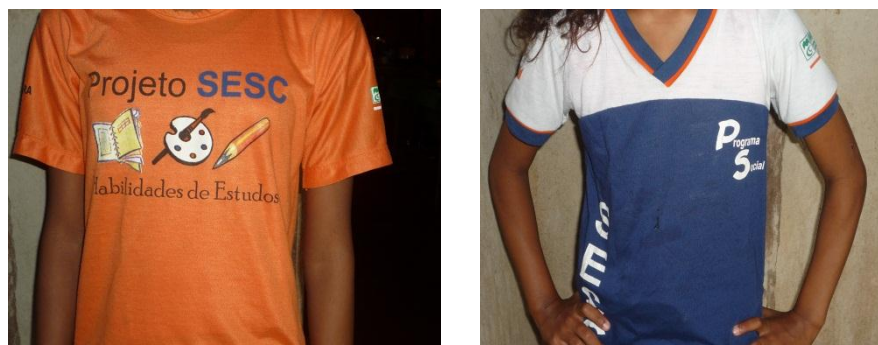
As imagens abaixo caracterizam a materialidade do Projeto, com as crianças que participaram do mesmo durante os anos de 2009 a 2012⁹. Os uniformes, materiais didáticos, lanche e todo o material utilizado pelas crianças na parte de higiene e recreação, por exemplo, é garantida a elas inteiramente de graça.

⁷ Projeto de Habilidades de Estudo do SESC.

⁸ Palavras de um pai ao ser convidado pela autora da presente pesquisa a matricular seu filho no PHE.

⁹ O uniforme laranja foi utilizado no período de 2009 a 2010 e o azul de 2011 a 2012.

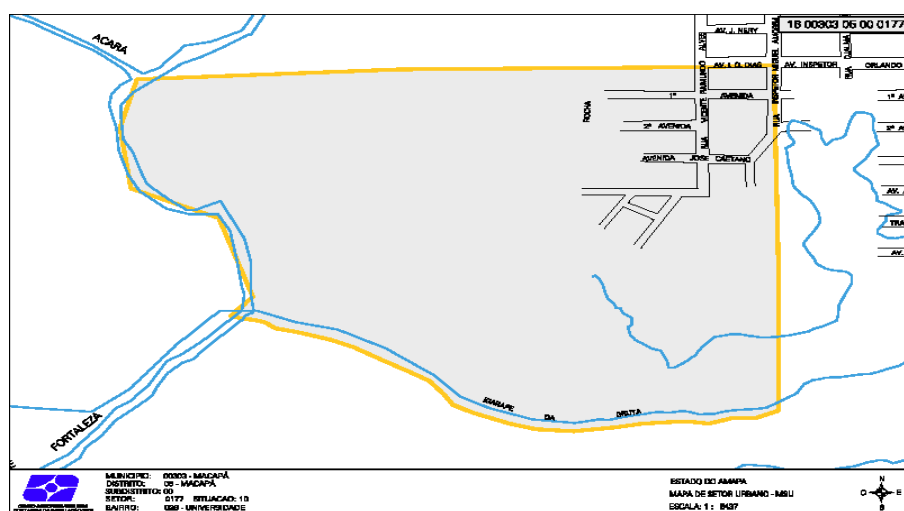
Projetos para vida



Fonte: Arquivo Pessoal.

Uma das mais importantes manifestações das dificuldades de acesso à terra é o intenso processo de formação de favelas e loteamentos irregulares no país o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/AP) 2010 trata de uma área urbana denominada Área 177¹⁰, no entanto não faz menção a área de invasão, o estudo em que se basearam as pesquisas do IBGE ao mesmo tempo em que é abrangente é limitado, apresenta apenas dados gerais que de uma maneira ou de outra dificulta as pesquisas de campo realizadas de maneira solitária, sem qualquer apoio financeiro ou de pessoal.

Falhas de comunicação.



Fonte: IBGE Amapá, 2010.

Há ainda um fator preponderante nas descrições das chamadas favelas sobre o olhar do órgão (IBGE), a nomenclatura dada às regiões popularmente chamadas de favelas, nas

¹⁰ 16 00303 05 00 0177 – o dígito 16 representa o bairro (mas no mapa cedido pelo instituto consta o numeral 26 e não o 16), 00303 é referente ao município de Macapá, 05 se refere ao distrito 00 é referente ao subdistrito.

pesquisas desempenhadas pelo IBGE a nomenclatura utilizada é Aglomerados Subnormais e se caracterizam da seguinte forma:

O setor especial de aglomerado subnormal é um conjunto constituído de, no mínimo, 51 (cinquenta e uma) unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa. A identificação dos Aglomerados Subnormais deve ser feita com base nos seguintes critérios: a) Ocupação ilegal da terra, ou seja, construção em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) no momento atual ou em período recente (obtenção do título de propriedade do terreno há dez anos ou menos); e b) Possuírem pelo menos uma das seguintes características: urbanização fora dos padrões vigentes - refletido por vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais e construções não regularizadas por órgãos públicos; e precariedade de serviços públicos essenciais. Os Aglomerados Subnormais podem se enquadrar, observados os critérios de padrões de urbanização e/ou de precariedade de serviços públicos essenciais, nas seguintes categorias: a) invasão; b) loteamento irregular ou clandestino; e c) áreas invadidas e loteamentos irregulares e clandestinos regularizados em período recente. (IBGE, 2010, p.27)

Em se tratando de Macapá o fator nominal pode ser levado em consideração mais uma vez, pois ao se tratar de aglomerados subnormais o Censo 2010 se refere a essas áreas em nosso município como sendo apenas as áreas alagadas “baixadas permanentemente inundadas em Macapá (AP) ”(IBGE, 2010, p. 34). Ou seja, as demais localidades como a 2ª Avenida Universidade não consta nesses estudos, primeiro por não ser uma área alagada (ressaca/baixada) e segundo por ser ocupada por menos de 51 residências/barracos.

Outro dado relevante que o IBGE deixa de fora é a ocupação econômica desses indivíduos, se tem dados superficiais sobre a renda destes indivíduos, mas ficou de fora o aspecto emprego/trabalho desenvolvido pelos grupos familiares de cada residência por exemplo. Nesse sentido resolvesse partir a campo com o intuito de na medida do possível detalhar um pouco mais esse lado econômico/financeiro destas famílias.

Uma marca nas favelas são as situações de insalubridade, riscos estruturais, geológicos e de inundação, além de indicadores desfavoráveis associados à vulnerabilidade social, cujos exemplos são saúde, educação, violência, trabalho e renda. Essas circunstâncias de degradação aliadas à imagem da favela, da forma com que é mostrada pela mídia, fazem com que exista certo mito, apresentando-a como um lugar somente habitado por traficantes e outros marginais, mendigos e desocupados. Na grande parte das vezes essa situação não corresponde à realidade, visto que a maioria dos seus moradores se constitui de trabalhadores tanto inseridos no mercado formal como no informal. (ABIKO e COELHO, 2009, p. 16)

Durante as observações feitas, foi possível identificar que na maioria das casas quem trabalha é o marido e estas são algumas das funções desempenhadas pela maioria: carpinteiro, estivador, moto-taxista, embalador na fábrica de açúcar que funciona no bairro (açúcar

MILLA), pedreiro, comerciante, açougueiro. As mulheres que trabalham são na sua maioria domésticas, existe uma enfermeira (funcionária do Estado) e uma gerente de loja (Center Kennedy). Existe ainda uma olaria de nome Cerâmica Santa Fé “para construções seculares”¹¹, que utiliza a mão de obra do bairro, três trabalhadores que residem no perímetro pesquisado recebem uma diária de R\$40,00 (quarenta reais) pelo trabalho desempenhado de segunda a sábado, eles não são trabalhadores assalariados.

Para alguns a rotina de trabalho começa com o por do sol como é o caso de um morador dono¹² de um frigorífico que sai da sua residência às 5 da manhã, um grupo de domésticas que não podem dormir no serviço, mas que para estar no horário máximo de 7 horas na casa de seus patrões, vão para o ponto de ônibus às 05h45min da manhã para pegar o 1º ônibus que passa entre 05h50min e 6 horas. Às 7 horas o movimento já é bem intenso, com as crianças indo para escola. Os pais indo para o serviço, algumas casas ficam sozinhas até o horário de meio dia, quando as crianças voltam da escola e -algumas- permanecem sozinhas até seus pais retornarem do serviço¹³.

Existe também o caso de uma diarista que chamaremos de dona Elza¹⁴ que sai de casa às 6 da manhã, retorna às 18 horas para pegar seu material didático, sai novamente às 18h30min para o curso de Técnico em Enfermagem e só retorna a sua residência às 23horas, sendo que a mesma tem uma filha de 15 anos e um filho de 9 anos, ambos ficam sozinhos em casa- desde quando a menina tinha 8 anos. Quando fala da segurança dos filhos Elza diz que sempre que sai de sua residência pede a Deus que olhe por eles e lhe dê forças para continuar seguindo seus estudos para garantir um futuro melhor para eles principalmente agora que está na reta final de seu curso¹⁵.

Aos domingos e feriados a diversão é garantida no local todos estão de folga, as famílias se reúnem principalmente em dias especiais para os moradores como aniversários e dias santos. E em se tratando de reunião de família ninguém supera a família do “Seu Ferro”¹⁶, nesta família acontece de tudo, sogra batendo em nora, pai jogando filho para fora de casa

¹¹ Slogan da olaria.

¹² O mesmo possui 2 caminhões frigoríficos, 1 carro FIAT, 1 locadora de DVD e 1 frigorífico no bairro Buritizal, além de duas casas fora da área pesquisada (uma no bairro do Muca e outra no bairro Zerão).

¹³ Como a maioria das mulheres trabalha em casa de família elas retornam para suas residências entre as 15 horas e as 18 horas nos dias úteis, no sábado estão em casa entre as 13horas; 13h30min, pois são liberadas ao meio-dia, os domingos são dedicados à família e aos afazeres domésticos.

¹⁴ A chamaremos assim, pelo fato de se garantir sigilo nos questionários utilizados na pesquisa.

¹⁵ Conversa conseguida no dia-a-dia/ não documentada.

¹⁶ Patriarca da família é chamado assim porque trabalha recolhendo material reciclável nas ruas do bairro, principalmente materiais de ferro, tanto ele quanto a esposa são de origem indígena, a família é bem grande e continua crescendo. Eles se recusaram a participar da pesquisa não respondendo ao questionário, pois só o fariam mediante pagamento.

por motivos diversos, briga com vizinhos envolvendo até arma branca, as adolescentes da casa (4 no total) que são suas netas engravidaram aos 15 anos, ambas tem dois filhos, sendo que uma tem menos de 18 anos e seus filhos têm cerca de 1 a 2 anos, sendo que a mesma já está grávida do terceiro filho, nenhuma delas trabalha, vivem do aposento dos avós e da bolsa estadual¹⁷. As festas/reuniões são sempre regadas a muita bebida, pelo menos uma vez por mês a policia é acionada durante estas confraternizações. Quando começam as brigas as crianças são as mais prejudicadas, veem seus pais em um estado deplorável, apanham sem razão aparente, ouvem palavras de baixo calão a todo o momento e algumas vezes pedem e até mesmo imploram para que os policiais não levem seus pais ou seus tios.

Mas, os domingos não são apenas de violência, a criançada se reúne na rua com o consentimento dos pais para brincar, vão para casa dos vizinhos assistir DVD, ouvir um CD novo que o coleguinha- como eles se chamam carinhosamente- ganhou subir nas arvores dos quintais e apanhar frutas, e tem a opção de pagar R\$0,50 para tomar banho de piscina na casa da “tia Pâmela¹⁸” aos domingos e feriados.

III Voltando ao Projeto de Pesquisa

Ao se entrar no ambiente pesquisado, a dúvida era como pesquisar? Qual a melhor forma de se entrar neste espaço sem se modificar suas estruturas? Primeiro pensou-se em uma pesquisa puramente bibliográfica, mas não se tem literatura alguma relacionada à população em questão, mas se tinha textos que se adequavam e se adequaram a mesma realidade. A abordagem direta não deu muito certo, resistência por parte dos moradores em participarem da presente pesquisa foi imediata. Então partiu-se para o plano “B”: Realizar pesquisa de campo com auxílio de questionários mistos¹⁹, além da metodologia da observação direta intensiva em que dediquei-me arduamente, talvez até um pouco além do que devesse²⁰.

¹⁷ Com a bolsa estadual Renda para viver melhor elas recebem meio salário mínimo cada uma, a bolsa família federal não lhes agrada, pois não chega a este valor, eu, por exemplo (desabafo da pesquisadora-autora), com uma renda de R\$ 622,00, recebo R\$64,00 do bolsa família por minhas duas filhas que estão estudando e de ano em ano tenho que fazer um check-up no posto de saúde em ambas e de dois em dois anos fazer o recadastramento das duas, estas são as exigências do programa Fome Zero, posso lhes assegurar que não consigo comprar uma cesta básica com R\$64,00, mas conseguiria com meio salário mínimo.

¹⁸ Moradora da área de invasão há um ano.

¹⁹ Com perguntas abertas/dissertativas e fechadas/objetivas.

²⁰ Até meu horário de acordar mudou para que eu pudesse acompanhar o dia a dia dos moradores.

Quando se ouve falar em favela, a primeira coisa que vem a mente é uma ideia de lugar dominado pela violência, comandado por narcotraficantes, onde a polícia não entra, as famílias vivem com medo e, principalmente, que se localizam em morros como no Rio de Janeiro. Mas podemos afirmar que além do que a mídia revela ou esconde da realidade destas famílias “faveladas” que completam o panorama da infraestrutura do povo brasileiro, para Milton Santos existe uma enorme diversidade qualitativa sobre a superfície da terra, quanto a raças, culturas, credos, níveis de vida (SANTOS, 1988,p.14). Apesar de ser considerado um bairro violento, a região pesquisada é considerada pacífica diante de tanta adversidade, e, Santos argumenta ainda que o fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado (idem, ibidem).

Tinha-se como meta englobar na pesquisa todas as residências do perímetro observado cerca de 20 (vinte) residências no total, porém no final da pesquisa apenas 10 (dez) residências foram contadas oficialmente no projeto através dos questionários entregues aos participantes e devolvidos pelos mesmos (os moradores da 2ª avenida universidade do bairro universidade), foram entregues 15 (quinze) questionários e destes quinze 5 (cinco) foram devolvidos em branco - Um em especial chamou a atenção, foi devolvido em branco porque o participante recusou-se a participar do preenchimento do questionário ou dar uma entrevista ou qualquer tipo de informação sem um pagamento. E tudo isso tem uma explicação, “a cidade onde tudo se transforma, onde os estilos se multiplicam passa a ser o lugar em que as pessoas ‘se arranjam para viver ou quem sabe sobreviver’ criando constantemente, ‘formas de ganhar dinheiro’.” (CARLOS, 2007, p.51), mas que não vem ao caso (re)discutir o assunto neste momento.

No projeto quatro afirmações hipóteses foram feitas para o desenvolvimento da atual pesquisa. Foram elas:

- As famílias em sua grande maioria são mantidas por um único provedor;
- Todas as famílias de baixa renda recebem algum tipo de ajuda como bolsas Federal ou Estadual;
- Residir neste local pode ser constrangedor na visão de alguns moradores;
- A invasão foi a única maneira que esta parcela da população achou para conseguir um pedaço de terra.

Quanto à primeira afirmativa, a mesma foi refutada, através dos questionários podemos perceber que dos dez questionários respondidos em cinco deles duas pessoas ou

mais pessoas são responsáveis por manter/prover a família. Chegou-se a este resultado nas residências com mais de cinco moradores.

As respostas referentes à segunda afirmativa foi um tanto constrangedora, pois recebo a bolsa federal, fiz minha inscrição com várias moradoras do local que recebem o benefício todo mês, no entanto apenas duas pessoas de residências diferentes, ambas com oito moradores cada, e dos quais não residiam no local na data das inscrições que deram acesso às bolsas afirmaram receber algum tipo de ajuda. Quando as pessoas veem sua privacidade invadida elas reagem de diferentes formas teve um morador que indagou-me se eu não estava querendo saber demais ao referir-me ao recebimento da bolsa por parte da família. “Vizinha a senhora não acha que tá querendo saber demais não?”. Foram exatamente estas as palavras usadas por ele. Alguns perguntavam se eu estava trabalhando para algum órgão do governo, muitos não foram sinceros talvez por medo de perder seus benefícios já que o governo extinguiu o pagamento de algumas bolsas como as do PROJOVEM²¹ e praticamente eliminou as inscrições tanto para o PROJOVEM quanto para o Renda Pra Viver Melhor e para está inserido em tais projetos é necessário comprovar que se vive em situação de vulnerabilidade social e econômica. Segundo as respostas obtidas as famílias de baixa renda não recebem nenhum tipo de ajuda financeira do governo Federal ou Estadual, com exceção de duas famílias.

Para responder a terceira afirmativa foi lançada a seguinte pergunta: (11ª questão) As pessoas são julgadas por suas atitudes e hábitos, dizer que mora em um local como este lhe é prejudicial ou não influencia em nada? Dos dez moradores que aceitaram participar da pesquisa três não responderam, cinco disseram não influenciar em nada e dois responderam influenciar sim. São respostas diversas a situações diversas. Mas a maioria diz não influenciar.

A quarta e última afirmativa vem a ser respondida por etapas através do questionário. Primeiro perguntou-se se as pessoas compraram ou invadiram (9ª questão)? Desta pergunta obtiveram-se as seguintes respostas: Um morador afirmou ter invadido, duas residências eram alugadas, duas não responderam e cinco foram compradas de antigos moradores que ainda residem no bairro. Depois se perguntou se as pessoas teriam condições de comprar um terreno/residência em outro local que não fosse área de invasão? Porque (15ª questão)? As respostas foram: Duas não responderam; duas responderam que não, mas não deram os motivos; cinco responderam que não, por motivos financeiros, por não ter renda suficiente. E

²¹ ProJovem Urbano, programa destinado a promover a inclusão social aos jovens brasileiros de 18 a 29 anos que não concluíram o ensino fundamental.

ocorreu o fato de um morador que respondeu a pergunta da seguinte forma: Claro que (Sim). Foi exatamente esta a sua resposta.

Através das respostas obtidas foi possível deduzir que o ato de invadir não foi a única maneira de se conseguir a casa própria para maioria dos moradores da 2ª Avenida Universidade.

IV Conclusão

Desta forma podemos afirmar através das pesquisas realizadas em lócus que os moradores necessitam urgentemente de trabalhos voltados para a segurança, educação, saúde e principalmente de um projeto que seja posto em prática com relação à infraestrutura que é precária nesta região, não há água encanada, esgoto, asfalto ou energia elétrica de qualidade. No entanto é sabido que para obter estes tipos de trabalhos/melhorias em uma rua, avenida, bairro, em toda e qualquer cidade é preciso que se paguem os impostos devidos como o IPTU²² e um dos benefícios apontado pelos moradores de se morar em uma área de invasão é justamente não ter que pagá-los. Enquanto essa parcela da população se acomodar e se conformar em pensar assim nada mudarão em sua rotina e eles são os maiores prejudicados.

No bairro existe a Associação de Moradores do Zerão -ASMZ- que é um órgão que atualmente só tem o nome de associação, pois não atende a ninguém nem mesmo aos moradores que moram no bairro Zerão, o bairro Universidade nem mesmo tem uma associação de moradores (se tem até agora ninguém sabe onde está localizada) é um bairro relativamente novo que muitos (a grande maioria da população), não sabem onde o mesmo começa ou termina, mas que assim como os bairros mais antigos de nossa cidade merece ser visto, como um local onde vivem seres humanos independentemente de raça, sexo, religião ou bandeira partidária.

Esta situação de irregularidade na infraestrutura das residências é bem comum nesta região, é preciso mais que querer viver ou morar bem, é preciso ter voz e vez, algo que os moradores do bairro não estão tendo, é necessário que haja a intervenção do Estado, disponibilizando água, luz elétrica, terraplanagem, asfaltamento, proporcionando o acesso a essas pessoas a esses instrumentos básicos de cidadania, assim como o direito a saúde,

²² Imposto sobre a Propriedade Territorial Urbana.

segurança e educação, demonstrando aos mesmos que para isso é necessário não só lembrá-los de seus direitos, mas cobrar dos mesmos os seus deveres.

A Prefeitura Municipal de Macapá lançou este ano o programa Lote Legal, mas em nenhum momento cita nos programas de tv qual ou quais os benefícios dessa legalização e talvez, não só a prefeitura, mais o Estado também tenham esquecido que os maiores bairros de Macapá sejam formados por favelas/invasões que comportam centenas e até milhares de contribuintes e se as políticas públicas chegarem até esses pontos extremos de nossa cidade, e tiverem um retorno satisfatório todos sairão ganhando.

Temos que refletir, sobre os assuntos socioeconômicos não só de uma maneira aleatória e sim com convicções antropológicas firmando compromisso com o passado sem esquecer as mazelas do futuro. As sesmarias²³ do descobrimento do Brasil têm reflexos negativos até hoje em pleno século XXI. Ainda há muito que se fazer em termos de pesquisa nessa região, mas espera-se ter repassado um pouco da realidade desses indivíduos que merecem respeito por parte de nossas autoridades e por uma parcela significativa da população brasileira.

²³ Arrendamento/distribuição de terras que ocorreram no início da colonização.

Referências:

ABIKO, Alex; COELHO, Leandro de O. **Urbanização de favelas: procedimentos de gestão.** Série Recomendações Técnicas Habitare – Vol. 4. Porto Alegre: Antac, 2009. ISBN 978-85-89478-33-5.

BONDUKI, Nabil. **Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula.** Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, n. 1, p. 70-104, 2008.

BRASIL. Constituição (1998). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia: Introdução à Ciência da sociedade/ Cap.: Métodos e Técnicas de Pesquisa.** 3. Ed. Ver. e Ampl._São Paulo: Moderna, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade;** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: **Mapa de setor urbano – MSU.** Escala: 1: 5437. Amapá, 2007.

_____. **Censo Demográfico.** Amapá, 2010.

_____. **Aglomerados subnormais primeiros resultados.** Censo Demográfico 2010.

NUNES, Brasilmar Ferreira. O sentido urbano de ocupações espontâneas do território: Uma Periferia de Brasília, in Nunes, B F (Org.), **Sociologia das Capitais Brasileiras: participação e planejamento urbano.** Líber Livro Ed., Brasília, DF, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia.** São Paulo: Hucitec 1988.

SCUSSEL, Maria da Conceição Barlettas; SATTTLER, Miguel Aloysio. Qualidade do espaço residencial e sustentabilidade (re)discutindo conceitos e (des)construindo padrões. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais – v.6, n.2,2004.** ANPUR– Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional; São Paulo, 2004. ISSN 1517-4115.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Colegiado de Ciências Sociais

Professor: Luciano Magnus de Araújo

Acadêmica: Tatiany Araújo Pinheiro

Questionário

Este questionário faz parte de um trabalho acadêmico. Os questionários são anônimos, portanto não coloque seu nome. Solicitamos sua colaboração respondendo corretamente os diversos itens, agradecendo-lhes antecipadamente. Os resultados da pesquisa ficarão disponíveis para comunidade acadêmica.

1. Você saberia dizer em que ano surgiu esta invasão?
2. Há quanto tempo você mora nesta localidade?
3. Antes de morar neste local onde você residia? Esta é sua única residência?
4. Quantas pessoas moram nesta residência?
5. Quantos trabalham?
6. Quem é o responsável por manter a família economicamente?
7. A família recebe algum tipo de ajuda de políticos, entidades filantrópicas ou Bolsas por parte do governo Municipal, Estadual ou Federal? Especifique o tipo de ajuda.

8. Quais os prós (benefícios) e os contras (malefícios) de se viver em uma área de invasão?
9. Você invadiu ou comprou?
10. Se mudar deste local faz parte de seus planos?
() Sim () Não
- 10.1 - Se a resposta acima for sim, por quais motivos?
11. As pessoas são julgadas por suas atitudes e hábitos, dizer que mora num local como este lhe é prejudicial ou não influencia em nada?
12. A ajuda entre vizinhos é mútua (todos se ajudam)?
() Sim () Não
13. Este ambiente lhe é seguro? As pessoas são confiáveis?
14. O que falta para este local se tornar um ambiente agradável para se viver?
15. Você teria condições de comprar um terreno/residência em outro local que não fosse área de invasão? Por quê?